

# A BATALHA

## A organização operária perante o 1.º de Maio

Pela primeira vez em Portugal a organização operária não comemora o 1.º de Maio. Não o faz por comodismo ou por recuar a atitude que os seus objectivos lhe aconselham ou por se desviar da sua linha de conduta que constitui até hoje uma lição de coerência dada a uma sociedade em que a transigência faz lei, em que o interesse suplanta o ideal; numa sociedade que porfios os lados se dissolve, dando a todos o espectáculo horrível que produz um corpo que, aos poucos, se vai debruando.

A atitude da organização operária representa a afirmação dum voto que se não force e a duma força que permanece, altivamente, firme no seu lugar sem se desviar dum estrado que por estar ladeada de túmulos e salpicada de sangue, lhe merece um respeito que se não compadece com habilidades, nem se curva perante as circunstâncias em que se encontra.

A organização operária sabe quanto vale o 1.º de Maio para o converter numa comédia ou para o transformar numa farça de grande espetáculo, em que a má fé e a inconsciência se unem na mais deplorável das alianças.

Ela entende que a comemoração não permite o pedido dum favor, nem consente que de chapéu na mão se mendigue para o operariado o direito que ele conserva inalterável através de anos de lutas corajosas e abnegadas.

Acima de todas as convenções, acima de todas as raças, através dos mares e dos continentes vibra uma alma universal e nobre unificada, em pensamento e sentimento, a ideia de no próprio caos uma ordem nova se elabora; de que o futuro exprimirá toda a justiça, toda a beleza, toda a verdade toda a liberdade que conduzirão o mundo a uma era decisiva para a perfectibilidade humana.

O 1.º de Maio não pode dissimular-se: a fisionomia rude do operário que exprime o seu sofrimento e a sua generosa idealização nunca poderá usar uma máscara hipócrita e uma falsa expressão. A organização operária é o reflexo dessa fisionomia que não mente e na sua atitude bastante clara—a única atitude tópica que o momento aconselha—representa o sentir do operariado.

Este ano, ele não comemora o 1.º de Maio, deixando de se efectuar os comícios e sessões que se costumam realizar em todo o país. Mas não será o silêncio que ele a si mesmo nobremente se impõe como a mais dignificante atitude, nas circunstâncias em que ele actualmente se encontra, uma comemoração bastante significativa?

## Um passado que não quer morrer

No ano passado, no número comemorativo do 1.º de Maio deste jornal, publicámos um pequeno artigo com o mesmo título que encina este.

Nesse artigo apreciamos as diversas fases que então se observavam na secular e constante luta travada entre as duas grandes forças que eternamente se medem:—a *Tirania e a Liberdade, o Passado e o Futuro*.

Examinávamos as características especiais desse momento e denunciávamos o perigo, apelando para todos os amantes da Liberdade, conjurando-os a unirem comunmente os seus esforços para a defesa dessa mesma liberdade e das parcas regalias usufruídas, cimentadas com o sangue e a dor dos lutadores das gerações passadas.

Hoje, limitamo-nos a saudar, através das tenebrosas grades do cárcere, todos os trabalhadores conscientes, todos os porfios obreiros do Futuro, todos os lutadores da Liberdade que estão sempre dispostos a defendê-la, a mantê-la viva nas consciências não se detendo em face de qualquer natureza de sacrifícios.

... E se mais não dizemos nem fazemos, é porque mais não podemos...

Lisboa, 1-5-927.

Arnaldo Simões JANUÁRIO

O número de 'A Batalha'  
de hoje é de 6 páginas

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de 'A Batalha' acaba de sair, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 2 de Maio sobre o horário de trabalho e o seu preço avulso. Aconselhamos que desejem adquirir quantidares de 50 folhetos.

Despachos à Administração de A BATALHA

## 01.º de Maio e a organização operária

De conformidade com as resoluções da organização confederada, não se realizam hoje no país comícios ou sessões comemorativas desta data

## Os ideais de emancipação humana e os seus detractores

Os severos Aristarcos que se aferroam pela conservação integral do existente, ou se fabricam por um retorno às épocas infastas do que já feneceu por caducárias influências dos carinhos tempos, quando se congororam por uma afirmação mais ousada que fira os timpanos dos velhos oráculos sociais, logo arrastam para terreno a inutilidade e a impossibilidade da instauração da igualdade apregoadas...

Estamos como Zola, que evidentemente não foi um parvo: não nos inveja o que os outros trazem; o que nos indigna é que muitos luxem à nossa custa...

Na mesma fôrma caolino-e-feldspática das porcelanas da China, e com a mesma tintagem paisagista e listradora, não é forçoso que todos comamos e bebamos—como em «folha-silándicos» vasos de quartel. Ao dispensar-se, porém, a configuração exacta e o peso matemáticos dos talheres do banquete da vida, isso não quer significar que se prescinda, que se abdique, da presença de Ceres a todas as mesas do sé humano: todos têm o direito e a igualdade de satisfazerem as suas necessidades de alimentação corporal e espiritual... E assim entra o mais...

É certo que é impossível acesso? Para os gonfaloneiros do estado social presente, ou para os clarins que sopram os recuos da linha. Por cá já não se pensa nisso, pelo que se conclui que as locomotivas e os reboques ficam sem aplicação, devido a não serem da bitola das outras linhas.

E aqui têm os leitores como conseguem haver abundância de locomotivas para linhas que não existem o que deve ser posto em

general, entregues todos os trabalhadores, manuais e intelectuais, à actividade utilissima para tornar a vida cada vez mais suave, mais fácil, mais gostosa, fraternal e pacífica os que mais naturalmente fôrem enriquecidos por facilidades de mais inteligência sentirem o melhor estimulante na compila da competência para maior aperfeiçoamento da técnica, da arte, da ciência, de tudo, emfin, que vai contribuindo para um mais completo espedregamento desta curtissima, efémera, estrada a que hoje, imprópria, chamamos a Vida...

É Morre a competência, paralisa o estímulo com a igualdade dos direitos a uma existência abundante e feliz de todos os mortais habitantes de um país — do globo?

Colocadas todas as fontes de produção e consumo na posse da colectividade em

## NOTAS & COMENTARIOS

### De acôrdo

A questão do jôgo continua a suscitar as mais opostas opiniões, num debate impressionante pelo entusiasmo e persistência em que é travado. Porem uma coisa única iguala os que discutem a batota em vários jornais:—sôlos todos campeões denodados da moralidade! Um só campo escolhem para defender os seus pontos de vista:—o campo da moralidade!

E toda esta moralidade se juntou para chegar a esta conclusão: a regulamentação da batota, esquecendo-se, é ilô, os contendores de discutir se a batota é moral. Também não era preciso. Sobre esse ponto todos os eram igualmente de acordo...

### Um entrecho de opereta

Premeditou-se em tempos um projecto colossal, mirabolante, dum caminho de ferro eléctrico ligando Viana do Castelo a Arcos de Val-de-Vez. E como existia ainda a verba das reparações requisitou-se, ao abrigo dela, além do material circulante doze locomotivas e vinte e quatro reboques.

A Alemanha satisfez a encomenda, a-pesar da discordância da Comissão Inter-Aliada, devendo chegar brevemente toda a

requisição feita pelos talis organizadores da linha. Por cá já não se pensa nisso, pelo que se conclui que as locomotivas e os reboques ficam sem aplicação, devido a não serem da bitola das outras linhas.

E as Novidades comentarão depois: frutos da educação sem Deus...

contraste com a falta de locomotivas nalgumas linhas em exploração.  
Que delicioso país de opereta!

### Mais uma proeza

Recordam-se os leitores daquele assalto a um combóio, levado a cabo no México, com todos os requintes de selvajaria por uma horda de bandidos que se apoderou das riquezas que o referido combóio transportava e produziu uma tremenda chacina nos passageiros.

Pois agora um comunicado telegráfico publicado nos jornais informa todo o mundo que as autoridades daquele país, encarregadas de proceder à descoberta dos autores e instigadores do sinistro acontecimento, chegaram à conclusão de que os chefes do referido assalto foram três padres e um advogado.

Um desses padres, acrescenta o telegrama, julgado sumariamente, foi já passado pelas armas. Os assaltantes tinham por fim apoderar-se das riquezas transportadas no combóio, necessárias para o custeio de uma planeada revolução contra o presidente Calles.

Tudo isto não deve, porém, passar dum fantasma urdida pelos herejes mexicanos para desacredetar a inocente Companhia de Jesus.

E as Novidades comentarão depois: frutos da educação sem Deus...

### "A Batalha" vende-se em todas as tabacarias

admiração, dos seus amigos, irmãos terrenos — e, melhor ainda, a sua própria satisfação moral e espiritual, pois é este o melhor estado psíquico que todos podemos desejar...

Os ideais avançados são produto correspondente dum inveja dos impotentes? Se assim fosse, não teriam tanta potente, tanto sábio, tanto artista e aristocrata até — rasgado os pergaminhos da sua condição fidalga e abandonado as palatinas comodidades dos seus faustos, para descreverem até à miséria e difundirem as suas doutrinas, e espalharem a bondade dos seus corações sentimentais entre elas...

Diógenes de SINÓPE

admiração, dos seus amigos, irmãos terrenos — e, melhor ainda, a sua própria satisfação moral e espiritual, pois é este o melhor estado psíquico que todos podemos desejar...

Os ideais avançados são produto correspondente dum inveja dos impotentes? Se assim fosse, não teriam tanta potente, tanto sábio, tanto artista e aristocrata até — rasgado os pergaminhos da sua condição fidalga e abandonado as palatinas comodidades dos seus faustos, para descreverem até à miséria e difundirem as suas doutrinas, e espalharem a bondade dos seus corações sentimentais entre elas...

Diógenes de SINÓPE

admiração, dos seus amigos, irmãos terrenos — e, melhor ainda, a sua própria satisfação moral e espiritual, pois é este o melhor estado psíquico que todos podemos desejar...

Os ideais avançados são produto correspondente dum inveja dos impotentes? Se assim fosse, não teriam tanta potente, tanto sábio, tanto artista e aristocrata até — rasgado os pergaminhos da sua condição fidalga e abandonado as palatinas comodidades dos seus faustos, para descreverem até à miséria e difundirem as suas doutrinas, e espalharem a bondade dos seus corações sentimentais entre elas...

Diógenes de SINÓPE

admiração, dos seus amigos, irmãos terrenos — e, melhor ainda, a sua própria satisfação moral e espiritual, pois é este o melhor estado psíquico que todos podemos desejar...

Os ideais avançados são produto correspondente dum inveja dos impotentes? Se assim fosse, não teriam tanta potente, tanto sábio, tanto artista e aristocrata até — rasgado os pergaminhos da sua condição fidalga e abandonado as palatinas comodidades dos seus faustos, para descreverem até à miséria e difundirem as suas doutrinas, e espalharem a bondade dos seus corações sentimentais entre elas...

Diógenes de SINÓPE

admiração, dos seus amigos, irmãos terrenos — e, melhor ainda, a sua própria satisfação moral e espiritual, pois é este o melhor estado psíquico que todos podemos desejar...

Os ideais avançados são produto correspondente dum inveja dos impotentes? Se assim fosse, não teriam tanta potente, tanto sábio, tanto artista e aristocrata até — rasgado os pergaminhos da sua condição fidalga e abandonado as palatinas comodidades dos seus faustos, para descreverem até à miséria e difundirem as suas doutrinas, e espalharem a bondade dos seus corações sentimentais entre elas...

Diógenes de SINÓPE

admiração, dos seus amigos, irmãos terrenos — e, melhor ainda, a sua própria satisfação moral e espiritual, pois é este o melhor estado psíquico que todos podemos desejar...

Os ideais avançados são produto correspondente dum inveja dos impotentes? Se assim fosse, não teriam tanta potente, tanto sábio, tanto artista e aristocrata até — rasgado os pergaminhos da sua condição fidalga e abandonado as palatinas comodidades dos seus faustos, para descreverem até à miséria e difundirem as suas doutrinas, e espalharem a bondade dos seus corações sentimentais entre elas...

Diógenes de SINÓPE

admiração, dos seus amigos, irmãos terrenos — e, melhor ainda, a sua própria satisfação moral e espiritual, pois é este o melhor estado psíquico que todos podemos desejar...

Os ideais avançados são produto correspondente dum inveja dos impotentes? Se assim fosse, não teriam tanta potente, tanto sábio, tanto artista e aristocrata até — rasgado os pergaminhos da sua condição fidalga e abandonado as palatinas comodidades dos seus faustos, para descreverem até à miséria e difundirem as suas doutrinas, e espalharem a bondade dos seus corações sentimentais entre elas...

Diógenes de SINÓPE

admiração, dos seus amigos, irmãos terrenos — e, melhor ainda, a sua própria satisfação moral e espiritual, pois é este o melhor estado psíquico que todos podemos desejar...

Os ideais avançados são produto correspondente dum inveja dos impotentes? Se assim fosse, não teriam tanta potente, tanto sábio, tanto artista e aristocrata até — rasgado os pergaminhos da sua condição fidalga e abandonado as palatinas comodidades dos seus faustos, para descreverem até à miséria e difundirem as suas doutrinas, e espalharem a bondade dos seus corações sentimentais entre elas...

Diógenes de SINÓPE

admiração, dos seus amigos, irmãos terrenos — e, melhor ainda, a sua própria satisfação moral e espiritual, pois é este o melhor estado psíquico que todos podemos desejar...

Os ideais avançados são produto correspondente dum inveja dos impotentes? Se assim fosse, não teriam tanta potente, tanto sábio, tanto artista e aristocrata até — rasgado os pergaminhos da sua condição fidalga e abandonado as palatinas comodidades dos seus faustos, para descreverem até à miséria e difundirem as suas doutrinas, e espalharem a bondade dos seus corações sentimentais entre elas...

Diógenes de SINÓPE

admiração, dos seus amigos, irmãos terrenos — e, melhor ainda, a sua própria satisfação moral e espiritual, pois é este o melhor estado psíquico que todos podemos desejar...

Os ideais avançados são produto correspondente dum inveja dos impotentes? Se assim fosse, não teriam tanta potente, tanto sábio, tanto artista e aristocrata até — rasgado os pergaminhos da sua condição fidalga e abandonado as palatinas comodidades dos seus faustos, para descreverem até à miséria e difundirem as suas doutrinas, e espalharem a bondade dos seus corações sentimentais entre elas...

Diógenes de SINÓPE

admiração, dos seus amigos, irmãos terrenos — e, melhor ainda, a sua própria satisfação moral e espiritual, pois é este o melhor estado psíquico que todos podemos desejar...

Os ideais avançados são produto correspondente dum inveja dos impotentes? Se assim fosse, não teriam tanta potente, tanto sábio, tanto artista e aristocrata até — rasgado os pergaminhos da sua condição fidalga e abandonado as palatinas comodidades dos seus faustos, para descreverem até à miséria e difundirem as suas doutrinas, e espalharem a bondade dos seus corações sentimentais entre elas...

## AS CASAS DE "PREGO"

### A suspensão do decreto sobre penhores só interessou aos gananciosos exploradores deste ramo de negócio

Afinal, quando se esperava que o decreto sobre penhoras entrasse em vigor surge uma nota oficiosa do ministro das Finanças prorrogando até 31 de Julho o prazo do comércio de penhores pela antiga taxa de juros, e, consequentemente, autorizando os prestamistas a efectuarem a compra e venda dos artigos, pondo-lhe apenas como condição, o só poderem licitar nos leilões depois das contas feitas com os mutuários.

Todos os que vêm acompanhando esta maluca questão dos prestamistas não devem notado que ela se arrasta há muitos meses. E também ainda não esqueceram que, assim que os jornais falamaram das intenções do ministro das Finanças em fixar uma nova taxa de juros, se levantou uma enorme tempestade contra essa pretensão na imprensa e dentro dos estabelecimentos de penhores.

A medida que nos aproximávamos da data marcada para a entrada em vigor do novo decreto—25 de Abril—essa tempestade tomava maior vulto, ameaçando expulsar os empregados, o que levou estes a tomarem uma atitude infeliz de defesa dos próprios patrões.

Todavia em notas oficiais o governo ia garantindo a sua intrinsecância, pois afirmava que a taxa de 2 e 3% de juro era mais do que suficiente para o referido comércio.

Chegou-se ao convencimento de que assim era porque se adquiriu a certeza de que o comércio de penhores, tal qual existia, era uma refinada roubalheira, a que urgia pôr coto.

Pois bem. Se assim é, porque se prorrogou agora o prazo, autorizando-se por mais 65 dias a exploração dos mutuários?

De duas uma: ou não havia a certeza de que a nova taxa de juros era exigua e por isso tornava-se necessário um novo estudo, ou se foi ao encontro das ambições dos penhoristas.

Qualquer das hipóteses é inaceitável. O público aguarda há muito tempo, e já com certa impaciência, que o assunto seja resolvido. Ou se aceita a nova taxa ou fica-

mos como estávamos. Não há meios termos.

Mais: ainda: As condições impostas aos mutuários nas Casas de Crédito Popular não podem continuar. Em algumas dessas agências obriga-se o público a permanecer horas sem conta aguardando o momento de ser recebido.

Como isto não fosse suficiente, alguns dias que vão ali para empenhar os seus pobres baveres voltam para casa desolados, porque não lhes aceitaram o objecto que iam depositar.

Por arbitrio dos empregados ou por obediência às ordens recebidas roupas que têm uso, por muito pouco que seja esse uso, não se recebem.

No capítulo de avaliações a questão também é um pouco melindrosa. Um objecto que vale 20.000\$00 é avaliado por 40.000\$00.

E devido a estas anomalias que parte do público foge das Casas de Crédito Popular. A taxa de juros que ali se cobra é na verdade a que lhe convém mas a maneira como os depósitos são feitos e as condições em que elas se realizam desagradam-lhe.

Agora que se suspendeu a aplicação da lei, por motivos—repetimos—que não se compreendem muito bem, era o momento de melhorar os depósitos nas casas de "prego" do Estado, e assim o público demonstraria que se a vezes recorre à indústria particular de penhores, não é porque os juros dali lhe convenham, mas unicamente pelas razões apontadas.

Estamos ainda a 60 dias da entrada em vigor do novo decreto, tempo suficiente para esse trabalho. Se ele não se realizar assistir-nos há o direito de sobre o assunto fazer os juros que entendemos.

Devíamos essa explicação ao público e só a poderíamos dar no momento em que as nossas opiniões não servissem aos penhoristas para exploração. Esse momento não poderia ser outro que não fosse a suspensão do decreto. Eis por que só vêm agora as considerações que há muito estavam reservadas.

## 01. de Maio e a organização operária

### Ferriários presos e deportados

A Comissão delegada da Federação Ferroviária e do Sindicato dos Ferroviários do Sul e Sueste, procurou novamente o presidente da república, que havia marcado a respectiva audiência, para dar uma resposta sobre a situação dos referidos ferroviários.

A Comissão foi recebida pelo sr. dr. Nogueira da Veiga que em nome do presidente lhe transmitiu o seguinte:

“A sua conferência com o ministro do Comércio sobre o assunto, tendo ordenado que as investigações se fizessem o mais urgente possível e que fosse usada a máxima benevolência para com os ferroviários.

Tendo a Comissão salientado o facto dos mesmos ainda se encontrarem presos, e que não havia que justificá-las tal facto, o mesmo sr. respondeu que o sr. presidente se interessava pela questão, e ficasse a Comissão descansada que justiça seria feita.

Espera a referida Comissão que estas informações se concretizem em factos, com a libertação dos ferroviários e o seu regresso aos caminhos de ferro.

### As "démarches" continuam amanhã.

### Sindicato reaberto

A Associação dos Trabalhadores do Trânsito do Porto de Lisboa foi reaberta amanhã.

A força que ali conpareceu para evacuar as salas foi requisitada, alegando-se uma assembleia tumultuosa. As chaves foram entregues na mesma noite em que tal caso se deu.

## AGREMIAÇÕES VARIAS

Universidade Nacional de Instrução e Educação—A 2.ª secção desta universidade, realizou hoje, pelas 20 horas e 30 minutos, a sua segunda festa de homenagem aos seus alunos, no teatro Juvenia na rua das Escolas Gerais n.º 62.

Abriu-se esta festa os alunos da Escola de Arte de Representar Araújo Pereira, um grupo de alunos desta Universidade que desempenharam uma engracadíssima comédia. Tocaram nos intervalos um grupo de bandolinistas sob a regência do maestro José Francisco Malaeas.

## INSTRUÇÃO

Universidade Nacional de Instrução e Educação

A comissão escolar da 3.ª secção desta colectividade de instrução popular, com sede em Marvila, resolveu na sua última reunião levar à prática um festival a favor da manutenção da aula primária que mantém na sua sede, sendo aceite o oferecimento do camarada Eduardo Braga para tratar obsequiosamente dum parte do programa da festa; e registando também a oferta dum mapa de Portugal devidamente envereadado e com régua, feita pelo camarada e aluno Bernardino António dos Santos.

remetidas para Moscou que assim estava no facto das negociações. (L.)

BERLIM, 30.—O correspondente em Pequim do *Berliner Tageblatt*, pormenoriza a execução dos extremistas que haviam sido presos na embaixada russa em Pequim. O estrangulamento de cada um durou duas horas. (L.)

### Em torno de Xang-Kai-Xeque

PARIS, 30.—São o melhor possível as relações dos japoneses com Xang-Kai-Xeque que assim pretendem suplantar a influência inglesa junto daquele cabo de guerra chinês. (L.)

PEQUIM, 30.—As últimas notícias informam que Xang-Kai-Xeque avança sobre Hankou. (L.)

### A intervenção das potências

XANGAI, 30.—Com os novos reforços recebidos por todas as forças internacionais o almirante americano ficou tendo sob suas ordens 3.000 homens. (L.)

## A IMENSA TRAGÉDIA DO MISSISSÍPI

### A cidade de Nova Orleães em perigo de submersão

A pesar dos protestos da população foram dinamitados vários diques, sacrificando-se campos enormes ao salvamento de uma cidade.

O rio Mississípi, um dos maiores da América do Norte, injunçou extensos campos, atirando para a miseria e para o luto centenas de milhares de famílias. A inundação ameaçou de causar uma verdadeira calamidade, ameaçando até a cidade de Nova Orleães.

As autoridades decidiram abrir brechas nos diques dos armazéns, inundando uma pequena zona da região, de preferência a um desastre mais considerável. Estas brechas devem ter sido abertas perto de Toydras e espera-se que as águas se desviariam o golfo do México, salvando-se assim Nova-Orleães.

No entanto, foram sacrificados milhares de hectares que provocaram uma indignação popular, fácil de supor, e que ameaçou opor-se aos trabalhadores se uma justa compensação não for outorgada.

O governador da Luisiana, porém, confirmou a ordem de dinamitar os diques da margem oriental do Mississípi. Conhecida esta atitude na zona ameaçada pela inundação, manifestou-se uma euforia geral e os habitantes tomaram as armas e lançaram-se, em massa, na defesa da região, e o governador proclamou o estado de sítio mobilizando um contingente completo da guarda nacional.

O ponto mais elevado das águas do Mississípi atingiu em Memphis, 2.000.000 de peças cúbicas por segundo, isto é, mais de dez vezes a massa normal das cataratas do Niágara. Encontram-se submersos mais de 7.000.000 de hectares de terreno e 500.000 pessoas estão sem abrigo. Deste número, 20.000 perderam todos os seus baveres.

Os prejuízos são avaliados em centenas de milhões de libras esterlinas. Até agora os diques têm aguentado a formidável pressão das águas, mas no dia em que se quebrar a sua resistência, a América será atingida por uma das maiores catástrofes.

A crista da inundação passou já Memphis, em Tennessee, e desce sobre Vicksburg, no Mississippi, esperando-se que não atinja Nova-Orleães antes de duas semanas.

A cidade está situada abaixo do nível do rio, o que é protegido por diques enormes. Para dinamitar os diques mais distantes, nos arredores, de forma a diminuir a pressão que o volume das águas exerce sobre os diques da cidade, foi pedida autorização ao ministro da Guerra.

Seis hidro-aviões receberam ordem de partir imediatamente de Pensacola a fim de voarem sobre as províncias devastadas, auxiliando os habitantes refugiados nas margens isoladas por vastas línguas de água.

E' difícil indicar o verdadeiro número de mortos ou habitantes sem abrigo, e as entidades interessadas em auxiliar os sinistrados ignoram o controle da situação. Tem-se tentado enviar alimentos, fálos e barracões para os habitantes, mas as autoridades que dirigem os trabalhos não dispõem de informações.

Nos milhares de quilômetros quadrados por onde a água se estende, entre Illinois e Nova Orleans, existem centenas de aldeias inundadas e com as comunicações telegráficas e telefónicas completamente cortadas.

As regiões de Mac Phae e Arkansas foram evadidas e os habitantes refugiaram-se em Monticello, vivendo em tendas de campanha. Em Helena (Arkansas) foram instaladas quinze mil tendas. Os sinistrados encontram-se numa situação precária e insustentável.

O presidente Coolidge dirigiu à população dos Estados Unidos, um apelo a favor dos sinistrados, que teve, desde logo, um êxito animador. No primeiro dia, a subscrição atingiu um milhão e duzentos e cinquenta mil dólares.

Com o auxílio da Cruz Vermelha foram estabelecidos campos de concentração para os desgraçados sem abrigo, muitos dos quais se acham, como é de calcular, completamente desprovistos de tudo. Nos pontos altos estabeleceram-se acampamentos enormes de tendas impermeáveis.

No entanto, ainda se perdem a esperança de evitar desastres irreparáveis. E em benefício geral, reconhecendo todos que era impossível combater por outra forma os desastrosos efeitos da inundação, alguns dos diques foram abertos a dinamite. Evita-se, assim, um mal maior.

Servindo a completar estas informações, recebemos o seguinte telegrama:

NOVA YORK, 30.—As explosões de dinamite que deviam abrir uma brecha de 300 metros no dique de Mississippi, em Poydras, a 12 milhas de Nova Orleans, produziram apenas três pequenas aberturas.

Espera-se contudo que diem suficiente vazão às águas evitando-se assim a destruição de Nova-Orleães.

Pouco antes das explosões, a água atingiu a crista dos diques que protegem Nova-Orleães e, como estes não ultrapassaram a altura das portas dos edifícios, a cidade achava-se em perigo iminente.

Os aeróplanos que voaram sobre a área, hoje inundada, verificaram estar completamente desabitado no mundo.

NACIONAL—A's 21—O Gebo e a Sombra.

TRINDADE—A's 21,30—O Quiebrantow.

SÃO LUIS—A's 21,30—Bairro Alto.

POLITEAMA—A's 20,30—Companhia francesa.

VARIETADES—A's 20,30 e 22,30—A Sa- grada Família.

AVENIDA—A's 21,30—O bom ladrão.

MARIA VITÓRIA—A's 20,45 e 22,45—Re- vitrovoltas.

APOLÔ—A's 20,45 e 22,45—Um filho de III classe...

COLISEU—A's 21,15—Coliseu dos Re- creios.

CAVALLERIA RUSTICANA—A's 21,15—Palhaços.

COLISEU—A's 21,15—Palhaços.

## A SOCIAL Cooperativa de Produção dos Operários Chapeleiros

participa aos camaradas, amigos e ao público em geral, que acaba de abrir a estação de verão nos seus estabelecimentos de venda, sitos na

SEDE — Rua Fernandes da Fonseca, 31 e 35

SEÇÃO (chap. de senhora) R. Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

FÁBRICA — Rua Guilherme Braga, 23

### SUCURSAIS

1. — Rua Poiais de São Bento, 74 e 74-A
2. — Rua do Corpo Santo, 29 (esquina da T. do Corpo Santo)
3. — Rua Arco Marquês do Alegrete, 56 e 58  
(Edifício de quatro andares propriedade da Cooperativa)
4. — Rua Arco Marquês do Alegrete, 46 a 50

### Aldeagalega:

Rua Joaquim de Almeida, 2 e 4

Temos um colossal e variado sortido de chapéus de palha, assim como um vasto sortido em chapéus de falso de cores lindas e próprias para a estação

### COMPANHIA DE SEGUROS

## MUTUALIDADE NA CONSTRUÇÃO CIVIL

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

INICIALMENTE FUNDADA EM 1914

CAPITAL | Realizado . . . . . 1.000.000\$00  
| Autorizado . . . . . 2.000.000\$00  
Reservas . . . . . 285.223\$23

### SEDE

Largo do Carmo, 18, 1.º, E. — Rua da Trindade, 1-A

### LISBOA

Tele | gramas: LISMUTUAL  
fone: C. 4112

Agência no Porto: RUA 31 DE JANEIRO, 18, 2.º

SEGUROS CONTRA OS RISCOS DE INCENDIO  
E DESASTRES NO TRABALHO

## CIMENTOS DO OUTÃO TENAZ-AUDAZ-PORTUGAL

Os melhores e mais vantajosos do mercado: de absoluta confiança para todo o género de trabalhos, especialmente marítimos

## CAL HIDRAULICA OUTÃO

Eminentemente hidráulica, alta resistência, præsa rápida

SECIL RUA DO ALECRIM, 45 LISBOA  
Telef. C. 1460

## LOTARIA DE SANTO ANTONIO

Em 18 de Junho de 1927

PREMIOS MAIORES | 2.000.000\$00  
500.000\$00

Bilhetes a 500\$00, décimos a 50\$00, vigésimos a 25\$00, quadragésimos a 12\$50. Captelas a 3\$00. Pelo correio mais a despesa do porte e registo. Pedidos aos cambistas

## CAMPIÃO & C. A.

Rua do Amparo, 116 — Lisboa

### PALACE HOTEL

O MELHOR HOTEL DE PORTUGAL  
Telegrams: Palachotel — BUSSACO

### PALACE HOTEL

O MAIOR HOTEL DE PORTUGAL  
Telegrams: PALACE — CURIA

### HOTEL ASTORIA

O MAIS MODERNO HOTEL DE PORTUGAL  
Telegrams: ASTORIA — COIMBRA

### HOTEL DE L'EUROPE

O MAIS MODERNO HOTEL DE LISBOA  
Praça Luís de Camões, 6

### HOTEL METROPOLE

RECOMENDADO PELA PROPAGANDA DE PORTUGAL

Rossio, 30

### FRANCFORT HOTEL

RECOMENDADO PARA FAMILIAS

Rossio, 113

Proprietário e Director: Alexandre de Almeida —

### Manuel A. F. Calado & C. L.

#### Importação directa

Armazém de drogas, tintas, óleos, vernizes, pincéis e perfumarias

#### Alvaiade "POMBA"

(Marca registada)

Fábrica de Gesso, Cimento, Cré, Pó de Pedra, etc.

Fábrica:

24, Rua da P. da Junqueira, 28

Depósito da fábrica:

5, Boqueirão dos Ferreiros, 7

Drogaria escritório:

19-20, L. do Corpo Santo, 22-23

LISBOA

TELEFONES | Escritório: 1073 Central  
Drogeria: 1074  
Fábrica: 69 Belém

Endereço telegráfico: TINTAS-LISBOA

#### ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a:

FRANCISCO LATTANCI

LARGO DO CONDE BARÃO, 55

Tabacaria e Kiosque

#### Biblioteca de Instrução Profissional

##### Elementos gerais

Álgebra elementar . . . . . 13\$00

Aritmética prática . . . . . 15\$00

Desenho linear geométrico . . . . . 12\$00

Elementos de electricidade . . . . . 30\$00

Elementos de física . . . . . 12\$00

Elementos de Mecânica . . . . . 12\$00

Elementos de Modelação . . . . . 12\$00

Elementos de Projeções . . . . . 16\$00

Elementos de Química . . . . . 12\$00

Geometria plana e no espaço . . . . . 13\$00

Fabricante de tecidos . . . . . 13\$00

##### Mecânica

Tornelo e Frezador mecânicos . . . . . 15\$00

Desenho de máquinas . . . . . 25\$00

Material agrícola . . . . . 13\$00

Nomenclatura de caldeiras e máquinas a vapor . . . . . 13\$00

Problemas de máquinas . . . . . 16\$00

##### Construção Civil

Acabamentos das construções . . . . . 16\$00

Alvenaria e Cantaria . . . . . 13\$00

Edificações . . . . . 13\$00

Encanamentos e salubridade das habitações . . . . . 13\$00

Materials de construção . . . . . 20\$00

Terraplenagens, alicerces . . . . . 13\$00

Trabalhos de Carpintaria . . . . . 16\$00

Diversas indústrias . . . . . 20\$00

Condutor de Máquinas . . . . . 16\$00

Foguero . . . . . 12\$00

Formador e estucador . . . . . 13\$00

Fundidor . . . . . 16\$00

Pilotagem . . . . . 12\$00

Indústria alimentar . . . . . 12\$00

Indústria de vidro . . . . . 12\$00

Manuais de ofícios . . . . . 18\$00

Galvanoplastia . . . . . 20\$00

Motores de explosão . . . . . 16\$00

Navegante . . . . . 16\$00

Cimento armado . . . . . 25\$00

## JOAQUIM COSTA, L.

Malas e carteiras para senhora, pastas e carteiras para homem, malas e artigos de viagem, etc.

### PRODUÇÃO DO ANO DE 1926

Malinhas e carteiras para senhora . . . . .	75.857
Carteiras e pastas para homem . . . . .	12.751
Malas de couro, fibra e col-fibra . . . . .	20.127

Para esta produção esta fábrica empregou diariamente cerca de 200 PESSOAS, o que representa muito ouro que deixou de sair para fóra do país.

### FÁBRICA:

### TRAVESSA DO FALA SÓ, 20

### ESCRITÓRIOS E ARMAZENS:

### RUA DA GLÓRIA, 21-2.

## Gillette

SAFETY Gillette RAZOR

Milhões de máquinas GILLETTE barbeiam diariamente meio mundo. Com uma GILLETTE razura-se num momento a barba mais dura, ficando o rosto macio como um veludo. Não precisa de se assentir. Não precisa de se afiar. Dura uma vida inteira. Optima para brindes. — EXTREMAMENTE ECONOMICA.

GILLETTE SAFETY RAZOR COY., BOSTON, AMERICA

Agentes gerais em Portugal e Colônias: JOÃO MACHADO DA CONCEIÇÃO & C. LTD.

75, Rua da Conceição, 1.º — Lisboa — PORTUGAL

## COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

Sociedade Anónima Responsabilidade Ltda.

SEDE NO LOBITO — ÁFRICA OCIDENTAL PORTUGUESA

ADMINISTRAÇÃO EM LISBOA

AVENIDA DA LIBERDADE, 11, r/c

TELEFONES | N 4134 AGENCIA  
N 2123 CONTABILIDADE  
C 3183 CAIS

AGENCIAS NO PORTO — Rua Mousinho da Silveira, 18, 2.º

Carreiras mensais entre a Metrópole e África Ocidental Portuguesa.

Serviço mensal especial para os portos de Anvers e Roterdam, e dêstes para a África, oferecendo aos carregadores vantagens especiais.

Fretes directos de África para os principais portos da Europa e América e dêstes para África em serviço combinado com outras Companhias de Navegação.

Carreiras mensais para a Guiné portuguesa.

### AGENTES NA EUROPA

Roterdam — Kersten Hunik & C. Veerkade, 1.

Anvers — Armement Dappe, 8 rue de Bordeaux.

Paris e Havre — Inter Maritime & Fluvial, 66, rue de Gaumartin — Paris.

Hamburgo — Bernardino Correia & C., Gr. Reichenstr. 3.

Londres — A. J. J. Kersten, 32, Great St. Helens.

Armazens para receber carga à Rocha do Conde de Obidos

## CALEDONIAM INSURANCE COMPANY

FUNDADA EM 1805

A mais antiga companhia de seguros da Escócia autorizada a trabalhar em Portugal e Colónias  
CAPITAL E RESERVAS £ 2,100,000 RECEITA EM 1923  
— £ 2,087,000 — SINISTROS PAGOS £ 19,843,000 —

Electua seguros marítimos, seguros contra fogo, seguros contra greves e tumultos e seguros de automóveis, incluindo fogo, choque, roubo e responsabilidade civil

53, RUA AUGUSTA, 59 -- LISBOA

CAFÉ CHIADO  
EXPLENDIDO SERVIÇO  
DE  
CHÁ E CAFÉ

Almoços :: Refrescos :: Cervejas

Experimentar é adoptar

O único que rivalisa excedendo em qualidade as melhores marcas estrangeiras



O seu maior e melhor reclame é feito pelo próprio consumidor

Pedir em todas as Drogarias, Mercearias e Lojas de Ferragens

E PARA REVENDA

Aos depositários — SALVADOR BARATA, L. da 19-B, RUA DOS GRIVOTAS, 19-C Tel. T. 56-Teleg. Gaiota-Lisboa  
FABRICANTES DOS ALVALAIOS MARCA «GAIOTA»  
Nicolau Augusto Duarte José 10.º e Ferreira & C.º Centro Comercial de Drogas, 11º  
R. Dr. Sousa Viterbo, 110-Pórt. 1º and. al-Madeira P. do Comércio 27, 1º CoimbraCompanhia de diamantes de Angola  
(DIAMANG)

SOCIÉDAD ANÔMIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Com o capital de Esc. 9.000.000\$00 (ouro)

Direito exclusivo de pesquisas e extração de diamantes na Província de Angola, por concessão do respectivo Governo

Sede Social: Lisboa, Rua dos Panqueiros, 12, 2.º — Teleg.: DIAMANG

ESCRITÓRIOS EM BRUXELAS, LONDRES E NOVA-YORK

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO MR. JEAN JADOT

Administrador-delegado

ERNESTO DE VILHENA

REPRESENTAÇÃO E DIRECÇÃO TÉCNICA EM ÁFRICA

REPRESENTANTE DIRECTOR TÉCNICO  
Tenente-coronel António Brandão de Mello Mr. H. T. Dickinson  
Caixa Postal 340-Teleg.: DIAMANG  
LOANDA DUNDO LUNDA

## Joaquim Carlos da Silva

ESTANCIAS DE MADEIRAS E MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

MADEIRAS: De pinho, casquinha, etc., em grosso, serradas e aparelhadas, em todos os comprimentos e grossuras, aplicáveis à Construção Civil e Marcenaria, que vende MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO: Venda a retalho por atacado e a retalho.

ESTANCIAS E ESCRITÓRIO, Rua Maria Pia, 18 Junto à Estação de Caminho de Ferro de Alcântara-Terreiro

Telefone n.º 2204 Central DEPOSITO: R. de Sant'Ana à Lapa, 121

ESTANCIAS DE MADEIRAS  
SEDE: Rua 24 de Julho, 40SUCURSAL: T. das Mónicas, 65, à Graça — Lisboa  
Depósitos em Xabregas

Teleg.: MADEIRAS — LISBOA — Telephone: 937 C.

João Leal &amp; Irmãos, sucessor João Leal

## COMPANHIA DE PETRÓLEO DE ANGOLA

(ANGOIL)

SOCIÉDAD ANÔMIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA  
Com o capital de Esc. 4.675.365\$00 (ouro)

Pesquisas e exploração de petróleo na Província de Angola, por concessão do respectivo governo

SEDE SOCIAL — LISBOA, RUA DOS PANQUEIROS, 12, 2.º

Teleg.: ANGOIL

Comité Técnico em Nova York — ESCRITÓRIO em Bruxelas

Presidente do Conselho de Administração  
Banco Nacional Ultramarino Ernesto de Vilhena  
DIRECÇÃO TÉCNICA  
"Sinclair Consolidated Oil Corporation"  
45, Nassau Street, NEW-YORKRepresentação e direcção técnica em África  
Representante Director-técnico, o administrador  
Coronel Eduardo Marques Mr. Chester Naramore  
Caixa Postal 332 — Tel. P. 1000  
LOANDARepresentante Director-técnico, o administrador  
Coronel Eduardo Marques Mr. Chester Naramore  
Caixa Postal 315 — Tel. SINCOLIN  
LOANDA

## QUEBRADURAS

A QUEBRADURA é uma enfermidade traumática, que não vos causa talvez por ora incomodo de maior, mas as suas moléstias tornarão amarga a vossa velhice e o seu terrível perigo de

## ESTRANGULAÇÃO

que não se evita com qualquer funda e pode causar a MORTE em poucas horas.

As pessoas cansadas de comprar fundas, que acrescentam os seus inconvenientes aos incomodos da quebradura, as senhoras e as crianças, enfim, todas as vítimas das quebraduras devem adoptar imediatamente os novos aparelhos de MR. BLETY, o grande ortopedista francês de fama universal.

Milhares de doentes, tratados anteriormente, atestam que estes aparelhos garantem em todos os casos:

• A perfeita e absoluta contenção  
• A diminuição progressiva e rápida  
• e o desaparecimento definitivo

das quebraduras, por mais antigas, rebeldes e volumosas que sejam.

DESAPARECIMENTO IMEDIATO do perigo da ESTRANGULAÇÃO e de TODOS OS SOFRIMENTOS inerentes às quebraduras desculpadas; SUAVES e CÓMODOS não incomodam nunca, ainda que o hennido se dedique a TRABALHOS DO CAMPO ou outros trabalhos pesados.

A fin de atender debidamente al número crescente de personas que le honran con su confianza, la casa BLETY mantiene en Portugal a sus dos más competentes especialistas, Juntos o separadamente recibirán en las villas y datas expresadas a continuación.

Audi com a mais absoluta confiança a esos especialistas não deixes de visitarlos, porque com a demora periga a vossa saúde e tende muito prede que o imenso crédito de que gosa a casa BLETY é a firme garantia de todo o quebrado.

Homens, senhoras e crianças devem apresentar-se sem hesilar em:

LISBOA — 1-2-3-7-8-9-14-15-16-21-22-23-24-28-29-30-31 Maio — 4-5-6-7-11-12-13-14-15-16-17 Junho no Hotel Europa, Praça Luís Camões.

Horas das 9 à 1 e das 3 à 7

CALDAS DA RAINHA — Domingo 1 Maio — Hotel Central.

SETÚBAL — Quarta-feira 4 Maio — Palace Hotel.

GRANDOLA — Quinta-feira 5 Maio — Hotel Avenida.

FARO — Sexta-feira 6 Maio — Grande Hotel.

MOURA — Domingo 8 Maio — Grande Hotel.

BEJA — Segunda-feira 9 Maio — Hotel Rocha.

VILA VICOSA — Terça-feira 10 Maio — Hotel Meneses.

ESTREMOZ — Quarta-feira, 11 de Maio — Palace Hotel.

EVORA — Quinta-feira, 12 de Maio — Hotel Eborense.

REGUENGOS DE MONSARAZ — Sexta-feira, 13 de Maio — Hotel António L. Soeiro.

MORA — Sábado, 14 de Maio — Hóspedaria António Nunes.

MONTEMOR-O-NOVO — Domingo, 15 de Maio — Hotel Natal.

SANTARÉM — Terça-feira, 17 de Maio — Hotel Central.

ENTRONCAMENTO — Quarta-feira, 18 de Maio — Casa de Faustino.

TORRES NOVAS — Quinta-feira, 19 de Maio — Hotel Natalia.

TOMAR — Sexta-feira, 20 de Maio — Hotel Union Comercial.

AVEIRO — Quinta-feira, 19 de Maio — Hotel Central.

LEIRIA — Sexta-feira, 20 de Maio — Hotel Central.

ABRANTES — Sábado, 21 de Maio — Hotel Comercial.

PORTALEGRE — Domingo, 22 de Maio — Hotel Central.

ELVAS — Segunda-feira, 23 de Maio — Hotel Ribeira.

CASTELO BRANCO — Terça-feira, 24 de Maio — Hotel Central.

COVILHA — Quarta-feira, 25 de Maio — Grande Hotel.

GUARDA — Quinta-feira, 26 de Maio — Hotel Estação.

COIMBRA — 27-28-29-30-31 de Maio — Hotel Astoria.

ESPINHO — Quarta-feira 1 de Junho — Grande Hotel do Pórt.

VIANA DO CASTELO — Terça-feira, 7 de Junho — Hotel Central.

BRAGA — Quarta-feira, 8 Quinta-feira, 9 e Sexta-feira, 10 de Junho — Hotel Espanhol.

PORTO — Sábado, 11 de Junho — Grande Hotel do Pórt.

VILA REAL (Trás-os-Montes) — Domingo, 12 de Junho — Hotel Tocai.

BRAGANÇA — Terça-feira, 14 — Hotel Moderno.

MIRANDA — Quarta-feira, 15 de Junho — Hotel Lopes.

PORTO — Quinta-feira, 16 de Junho — Grande Hotel do Pórt.

Recorrem este anúncio, para não confundir as datas. Horas de consulta: das 9 à 1 e das 3 às 7, em Lisboa, Pórt, Braga e Coimbra. E só das 9 às 1 nas outras vilas.

IMPORTANTÍSSIMO: Senhoras, aparelho especial contra descimento da matriz (alívio instantâneo). CORSETS contra escolioses, desvios e mal de Pott.

Faixas de todos os modelos e contra todas as deformações. Todos os aparelhos da casa BLETY se construem especialmente a medida para cada caso, es por tanto inútil pedir catálogos ni muestras.

Fábrica e expedições: Barcelona (Espanha) Rambla de Cataluña, 65.

A CASA BLETY é registrada em BARCELONA (Espanha) e em PORTUGAL.

Os leitores que queiram apresentar-se ao sr. BLETY, podem dirigir-se a este jornal

REPRESENTANTE DAS TINTAS PARA IMPRESSÃO  
LORILLEUX

TELEGRAMAS. CARLOSILVA, LISBOA

ESTE SEGURO IMPÕE-SE A  
TODOS OS TRABALHADORES

Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA garante aos seus, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imediatamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS garante para a sua velhice uma pensão de reforma de ESC. 100\$00 MENSAIS pagos enquanto for vivo.

Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famílias e para com vós mesmos, segurando-vos em

CARLOS CORREIA DA SILVA LIMITADA  
LARGO DO DIRECTORIO, 15 — LISBOA

## MÁQUINAS

## MATERIAL PARA AS ARTES GRÁFICAS

DEPÓSITO DAS TINTAS PARA IMPRESSÃO  
LORILLEUX

TELEPHONE C. 296

TELEGRAMAS. CARLOSILVA, LISBOA

## A MUNDIAL

## Companhia de Seguros

Seu — Rua Garrett, 95  
LISBOA

IMPORTANTE:

Mediante um ligeiro sobre-premio, a MUNDIAL põe-vos-há ao abrigo da DOENÇA E INVALIDEZ

DOENÇA E INVALIDEZ

A MUNDIAL

Companhia de Seguros

LISBOA

A MUNDIAL

Companhia de Seguros

L

## A situação do respectivo pessoal. As perseguições do director daquela rede

Os ferroviários que servem as empresas particulares têm sofrido, invariavelmente, umas condições de vida bastante deprimentes. Os seus vencimentos, quase sempre insuficientes em relação ao custo da vida, já serviram várias vezes para a especulação das companhias, interessadas nas onerações das tarifas, que por intermédio destas, vêm subir os seus lucros aplicando-os no desenvolvimento das respectivas redes: beneficiando linhas, renovando materiais, etc., à custa da precária situação dos seus empregados.

A Companhia da Beira Alta não podia fugir à regra e tem, como as outras, sabido governar-se admiravelmente.

As redes ferroviárias, conquanto tivessem há uns anos atrás atravessado momentos difíceis, devido à desvalorização da moeda e ao extraordinário encarecimento do carvão e demais artigos indispensáveis à sua continúa movimentação, passado esse interregno, começaram a ressarcir-se das dificuldades havidas e hoje prosperam dia a dia. Por sua vez os ferroviários, que tiveram de sofrer as mesmas consequências da guerra, ainda não conseguiram modificar as condições de existência e não vêm maneira fácil de o fazerem.

Isto sob o ponto de vista económico.

Quanto à questão moral é muito pior ainda.

Não existe consideração alguma pelos esforços dispensados durante dezenas de anos, num extenuantíssimo trabalho, pelos produtores dos caminhos de ferro. As perseguições são constantes, chegando a demitir-se agentes por serem defensores do respectivo sindicato. Na Beira Alta, começaram-se aqui há uns 3 anos esta iniquidade: o presidente da respectiva Associação de Classe, velho ferroviário com 30 anos de serviço, foi demitido por exercer o referido cargo! Outros elementos foram demitidos e transferidos por igual motivo.

O horário de trabalho é letra morta naqueles caminhos de ferro. Por mais reclamações que os interessados tenham apresentado neste sentido, todas são desprezadas com o maior dos cinismos. Quando algum mais decidido protesta, é imediatamente castigado, quando não demitido.

Estas perseguições, que são constantes, denotam bem o espírito vingativo e mau

do director que tudo se compraz em escravizar centenas de trabalhadores.

Nas nossas colunas já temos verberado o seu procedimento, mas muito há a dizer ainda.

O público que paga todos os aumentos e que quer ser servido convenientemente sofre por vezes o resultado da desmoronização de serviços, proveniente do pessoal habilitado e competente ser posto à margem.

Ultimamente a violência redobrou de intensidade, cometendo-se actos que só se justificam na certa impunidade de que o seu autor está possuído, actos que revelam os seus desumanos intentos.

Mas isso fica para outro artigo.

## CRISE DE TRABALHO

### Sindicato da Construção Civil

A secção profissional de Belém do Sindicato da Construção Civil convida todos os operários carpinteiros, estucadores e pintores associados que trabalham ultimamente nas obras das Casas Económicas da Ajuda a viram inscrever-se nesta secção até à próxima terça feira, das 20 as 21 horas.

Um crédito de 2.500 contos

Foi aprovado pelo governo um crédito de 2.500 contos para as obras dos Edifícios Públicos e Monumentos Nacionais, até ao fim do ano económico.

## Artur Pedro Correia Faleceu

Sua família participa o seu falecimento a todas as pessoas das suas relações e amizade e que o seu funeral se realiza hoje, 1, pelas 16 horas, da casa mortuária do Hospital de S. José para o Cemitério Oriental.

1-5-1927

diante de si uma pessoa de importância, deu uma punhada na mesa. Agarrou, o ministro despertou, e como homem acostumado a capacitar-se logo das situações e não sendo seguramente nova aquela, para ele, retorquiu, com a maior tranquilidade:

— Perfeitamente; fala V. Ex.<sup>a</sup> como um conveniente, mas, o que acaba de expor-me, necessita um largo e aturado estudo.

Luis ouvia, assombrado. O ministro continuou dizendo:

— De muito boa vontade falaria com V. Ex.<sup>a</sup> acerca de dêsse assunto, um outro dia; hoje tenho o tempo dividido de tal maneira que me é impossível seguir-las suas belas dissertações. Nós, ministros, também costumamos estar em toda a parte, assim como VV. Ex.<sup>a</sup>, os homens de ação, conforme designam actualmente os que falam pouco e fazem muitas coisas. Repito que, em princípio, parece-me bem o projecto de V. Ex.<sup>a</sup>, mas é necessário discuti-lo com calma. Além disso, compreenderá V. Ex.<sup>a</sup> que reformas de tal magnitude exigem a aprovação do conselho de ministros.

Luis começava a duvidar; talvez o ministro não tivesse dormido; quem sabe se, para seguir com mais atenção e menos distraído o seu relato, o ministro se tivesse concentrado tanto que parecesse dormir.

Nesta dúvida, Luis retorquiu:

— Sempre assim o considero, mas é tão claro e convincente o meu projecto que espero será aprovado por todos.

— Não, não; não é tão claro nem tão claro, como V. Ex.<sup>a</sup> supõe — apressou-se a dizer o ministro. Enfim, avisarei V. Ex.<sup>a</sup> quando tiver falado com o Presidente.

O melhor e o mais rápido seria V. Ex.<sup>a</sup> apresentar-nos uma espécie de plano geral, acompanhado de um esquema. Eu me encarrego de defender o formoso projecto de V. Ex.<sup>a</sup> no conselho de ministros, com a vontade firme que me caracteriza. A propósito — continuou o ministro, estendendo outro vez a Luis um charuto que o jovem arquitecto rejeitou com um sinal de cabeça, para não perder uma silaba das que o mi-

## CONFERÊNCIAS

### “Esperanto”

Na sede do Lusitano Sporting Club, Rua dos Luzitano, 146, 1.<sup>a</sup> (a Santo Amaro) realiza-se, hoje, pelas 16 horas uma conferência subordinada ao tema: “A difusão do Esperanto nos últimos anos”.

O conferente será o esperantista sr. Saldanha Carreira. Julgamos desnecessário encarecer a importância da conferência e por isso é de esperar que os esperantistas que procuram a difusão desta língua comparem a esta sessão.

Na próxima quinta feira, 5 de Maio, realiza-se a abertura de um novo curso de esperanto para o qual já estão inscritos cerca de trinta alunos, continuando aberta a inscrição até essa data.

A comissão administrativa dêsse antigo Clube ao procurar reorganizá-lo, estabeleceu um programa de trabalhos a efectuar e no qual conta elevar o nível da mentalidade e cultura intelectual dos seus associados quer estabelecendo aulas, quer promovendo conferências de carácter desportivo, educativo, intelectual, etc.

Brevemente realiza-se uma conferência desportiva por um conhecido desportista e assim como um sácaro de arte.

### “A instrução proletária e o cooperativismo”

Na Associação de Classe dos Manipuladores de Pão, calçada Castelo Branco, 42, 1.<sup>a</sup>, realiza hoje, às 19 horas, o sr. dr. Ramon Curto uma conferência subordinada ao título: “A instrução proletária e o cooperativismo”.

### “A Emigração”

Na próxima quinta-feira, 5, pelas 21 horas, o sr. Eurico Macedo de Serpa Corte Real, aluno da Faculdade de Direito, realiza na sede desta Universidade, na Rua Particular à Rua Almeida e Sousa, uma conferência sobre “A Emigração”. Haverá também sessão cinematográfica educativa.

## Lisboa trágica

### Caído numa fossa

Na calçada da Marujo existe uma Vila que se denomina “Albina”, onde ontem, pelas 10 horas, o menor João Maria, de 2 anos, residente na calçada da Marujo, andava brincando junto a uma fossa ali existente. Imprevidentemente, o pequeno caiu nessa fossa, sendo dali retirado por vários indivíduos que acudiram ao alarme feito. Transportado por um auto-maca da Cruz Vermelha ao hospital de S. José, verificou-se que já era cadáver, pelo que o mesmo auto o conduziu à morgue.

### Choque de veículos

Ontem, por volta das 16 horas, descia a rua Garcia da Faria um auto-maca da Cruz Vermelha, guiado pelo “chauffeur” Jaime de Araújo, e residente na rua de S. João da Mata, 69, 3.<sup>a</sup>, quando, inesperadamente, sentiu que os travões do carro que conduzia se tinham partido, pelo que o carro caiu num sem governo até ao virar da rua de S. João da Mata, onde foi esbarra com um carro eléctrico. A colisão do auto com o eléctrico estabeleceu grande pânico, que já vinha sendo prolongado pelos gritos affitivos do “chauffeur”. Após o choque, verificou-se que o Jaime estava ferido, pelo que o polícia 2010, que andava de giro próximo do local, o fez conduzir rapidamente num “taxi” ao hospital da Estrela, onde foi pensado, sendo dali transportado num carro da Cruz Vermelha ao hospital de S. José, onde o carro foi novamente pensado, e por se ter verificado que os seus ferimentos na cabeça e na perna esquerda não eram de gravidade, recolheu a casa.

Ontem, por volta das 16 horas, descia a rua Garcia da Faria uma auto-maca da Cruz Vermelha, guiado pelo “chauffeur” Jaime de Araújo, e residente na rua de S. João da Mata, 69, 3.<sup>a</sup>, quando, inesperadamente, sentiu que os travões do carro que conduzia se tinham partido, pelo que o carro caiu num sem governo até ao virar da rua de S. João da Mata, onde foi esbarra com um carro eléctrico. A colisão do auto com o eléctrico estabeleceu grande pânico, que já vinha sendo prolongado pelos gritos affitivos do “chauffeur”. Após o choque, verificou-se que o Jaime estava ferido, pelo que o polícia 2010, que andava de giro próximo do local, o fez conduzir rapidamente num “taxi” ao hospital da Estrela, onde foi pensado, sendo dali transportado num carro da Cruz Vermelha ao hospital de S. José, onde o carro foi novamente pensado, e por se ter verificado que os seus ferimentos na cabeça e na perna esquerda não eram de gravidade, recolheu a casa.

Ontem, por volta das 16 horas, descia a rua Garcia da Faria uma auto-maca da Cruz Vermelha, guiado pelo “chauffeur” Jaime de Araújo, e residente na rua de S. João da Mata, 69, 3.<sup>a</sup>, quando, inesperadamente, sentiu que os travões do carro que conduzia se tinham partido, pelo que o carro caiu num sem governo até ao virar da rua de S. João da Mata, onde foi esbarra com um carro eléctrico. A colisão do auto com o eléctrico estabeleceu grande pânico, que já vinha sendo prolongado pelos gritos affitivos do “chauffeur”. Após o choque, verificou-se que o Jaime estava ferido, pelo que o polícia 2010, que andava de giro próximo do local, o fez conduzir rapidamente num “taxi” ao hospital da Estrela, onde foi pensado, sendo dali transportado num carro da Cruz Vermelha ao hospital de S. José, onde o carro foi novamente pensado, e por se ter verificado que os seus ferimentos na cabeça e na perna esquerda não eram de gravidade, recolheu a casa.

Ontem, por volta das 16 horas, descia a rua Garcia da Faria uma auto-maca da Cruz Vermelha, guiado pelo “chauffeur” Jaime de Araújo, e residente na rua de S. João da Mata, 69, 3.<sup>a</sup>, quando, inesperadamente, sentiu que os travões do carro que conduzia se tinham partido, pelo que o carro caiu num sem governo até ao virar da rua de S. João da Mata, onde foi esbarra com um carro eléctrico. A colisão do auto com o eléctrico estabeleceu grande pânico, que já vinha sendo prolongado pelos gritos affitivos do “chauffeur”. Após o choque, verificou-se que o Jaime estava ferido, pelo que o polícia 2010, que andava de giro próximo do local, o fez conduzir rapidamente num “taxi” ao hospital da Estrela, onde foi pensado, sendo dali transportado num carro da Cruz Vermelha ao hospital de S. José, onde o carro foi novamente pensado, e por se ter verificado que os seus ferimentos na cabeça e na perna esquerda não eram de gravidade, recolheu a casa.

Ontem, por volta das 16 horas, descia a rua Garcia da Faria uma auto-maca da Cruz Vermelha, guiado pelo “chauffeur” Jaime de Araújo, e residente na rua de S. João da Mata, 69, 3.<sup>a</sup>, quando, inesperadamente, sentiu que os travões do carro que conduzia se tinham partido, pelo que o carro caiu num sem governo até ao virar da rua de S. João da Mata, onde foi esbarra com um carro eléctrico. A colisão do auto com o eléctrico estabeleceu grande pânico, que já vinha sendo prolongado pelos gritos affitivos do “chauffeur”. Após o choque, verificou-se que o Jaime estava ferido, pelo que o polícia 2010, que andava de giro próximo do local, o fez conduzir rapidamente num “taxi” ao hospital da Estrela, onde foi pensado, sendo dali transportado num carro da Cruz Vermelha ao hospital de S. José, onde o carro foi novamente pensado, e por se ter verificado que os seus ferimentos na cabeça e na perna esquerda não eram de gravidade, recolheu a casa.

Ontem, por volta das 16 horas, descia a rua Garcia da Faria uma auto-maca da Cruz Vermelha, guiado pelo “chauffeur” Jaime de Araújo, e residente na rua de S. João da Mata, 69, 3.<sup>a</sup>, quando, inesperadamente, sentiu que os travões do carro que conduzia se tinham partido, pelo que o carro caiu num sem governo até ao virar da rua de S. João da Mata, onde foi esbarra com um carro eléctrico. A colisão do auto com o eléctrico estabeleceu grande pânico, que já vinha sendo prolongado pelos gritos affitivos do “chauffeur”. Após o choque, verificou-se que o Jaime estava ferido, pelo que o polícia 2010, que andava de giro próximo do local, o fez conduzir rapidamente num “taxi” ao hospital da Estrela, onde foi pensado, sendo dali transportado num carro da Cruz Vermelha ao hospital de S. José, onde o carro foi novamente pensado, e por se ter verificado que os seus ferimentos na cabeça e na perna esquerda não eram de gravidade, recolheu a casa.

Ontem, por volta das 16 horas, descia a rua Garcia da Faria uma auto-maca da Cruz Vermelha, guiado pelo “chauffeur” Jaime de Araújo, e residente na rua de S. João da Mata, 69, 3.<sup>a</sup>, quando, inesperadamente, sentiu que os travões do carro que conduzia se tinham partido, pelo que o carro caiu num sem governo até ao virar da rua de S. João da Mata, onde foi esbarra com um carro eléctrico. A colisão do auto com o eléctrico estabeleceu grande pânico, que já vinha sendo prolongado pelos gritos affitivos do “chauffeur”. Após o choque, verificou-se que o Jaime estava ferido, pelo que o polícia 2010, que andava de giro próximo do local, o fez conduzir rapidamente num “taxi” ao hospital da Estrela, onde foi pensado, sendo dali transportado num carro da Cruz Vermelha ao hospital de S. José, onde o carro foi novamente pensado, e por se ter verificado que os seus ferimentos na cabeça e na perna esquerda não eram de gravidade, recolheu a casa.

Ontem, por volta das 16 horas, descia a rua Garcia da Faria uma auto-maca da Cruz Vermelha, guiado pelo “chauffeur” Jaime de Araújo, e residente na rua de S. João da Mata, 69, 3.<sup>a</sup>, quando, inesperadamente, sentiu que os travões do carro que conduzia se tinham partido, pelo que o carro caiu num sem governo até ao virar da rua de S. João da Mata, onde foi esbarra com um carro eléctrico. A colisão do auto com o eléctrico estabeleceu grande pânico, que já vinha sendo prolongado pelos gritos affitivos do “chauffeur”. Após o choque, verificou-se que o Jaime estava ferido, pelo que o polícia 2010, que andava de giro próximo do local, o fez conduzir rapidamente num “taxi” ao hospital da Estrela, onde foi pensado, sendo dali transportado num carro da Cruz Vermelha ao hospital de S. José, onde o carro foi novamente pensado, e por se ter verificado que os seus ferimentos na cabeça e na perna esquerda não eram de gravidade, recolheu a casa.

Ontem, por volta das 16 horas, descia a rua Garcia da Faria uma auto-maca da Cruz Vermelha, guiado pelo “chauffeur” Jaime de Araújo, e residente na rua de S. João da Mata, 69, 3.<sup>a</sup>, quando, inesperadamente, sentiu que os travões do carro que conduzia se tinham partido, pelo que o carro caiu num sem governo até ao virar da rua de S. João da Mata, onde foi esbarra com um carro eléctrico. A colisão do auto com o eléctrico estabeleceu grande pânico, que já vinha sendo prolongado pelos gritos affitivos do “chauffeur”. Após o choque, verificou-se que o Jaime estava ferido, pelo que o polícia 2010, que andava de giro próximo do local, o fez conduzir rapidamente num “taxi” ao hospital da Estrela, onde foi pensado, sendo dali transportado num carro da Cruz Vermelha ao hospital de S. José, onde o carro foi novamente pensado, e por se ter verificado que os seus ferimentos na cabeça e na perna esquerda não eram de gravidade, recolheu a casa.

Ontem, por volta das 16 horas, descia a rua Garcia da Faria uma auto-maca da Cruz Vermelha, guiado pelo “chauffeur” Jaime de Araújo, e residente na rua de S. João da Mata, 69, 3.<sup>a</sup>, quando, inesperadamente, sentiu que os travões do carro que conduzia se tinham partido, pelo que o carro caiu num sem governo até ao virar da rua de S. João da Mata, onde foi esbarra com um carro eléctrico. A colisão do auto com o eléctrico estabeleceu grande pânico, que já vinha sendo prolongado pelos gritos affitivos do “chauffeur”. Após o choque, verificou-se que o Jaime estava ferido, pelo que o polícia 2010, que andava de giro próximo do local, o fez conduzir rapidamente num “taxi” ao hospital da Estrela, onde foi pensado, sendo dali transportado num carro da Cruz Vermelha ao hospital de S. José, onde o carro foi novamente pensado, e por se ter verificado que os seus ferimentos na cabeça e na perna esquerda não eram de gravidade, recolheu a casa.

Ontem, por volta das 16 horas, descia a rua Garcia da Faria uma auto-maca da Cruz Vermelha, guiado pelo “chauffeur” Jaime de Araújo, e residente na rua de S. João da Mata, 69, 3.<sup>a</sup>, quando, inesperadamente, sentiu que os travões do carro que conduzia se tinham partido, pelo que o carro caiu num sem governo até ao virar da rua de S. João da Mata, onde foi esbarra com um carro eléctrico. A colisão do auto com o eléctrico estabeleceu grande pânico, que já vinha sendo prolongado pelos gritos affitivos do “chauffeur”. Após o choque, verificou-se que o Jaime estava ferido, pelo que o polícia 2010, que andava de giro próximo do local, o fez conduzir rapidamente num “taxi” ao hospital da Estrela, onde foi pensado, sendo dali transportado num carro da Cruz Vermelha ao hospital de S. José, onde o carro foi novamente pensado, e por se ter verificado que os seus ferimentos na cabeça e na perna esquerda não eram de gravidade, recolheu a casa.

Ontem, por volta das 16 horas, descia a rua Garcia da Faria uma auto-maca da Cruz Vermelha, guiado pelo “chauffeur” Jaime de Araújo, e residente na rua de S. João da Mata, 69, 3.<sup>a</sup>, quando, inesperadamente, sentiu que os travões do carro que conduzia se tinham partido, pelo que o carro caiu num sem governo até ao virar da rua de S. João da Mata, onde foi esbarra com um carro eléctrico. A colisão do auto com o eléctrico estabeleceu grande pânico, que já vinha sendo prolongado pelos gritos affitivos do “chauffeur”. Após o choque, verificou-se que o Jaime estava ferido, pelo que o polícia 2010, que andava de giro próximo do local, o fez conduzir rapidamente num “taxi” ao hospital da Estrela, onde foi pensado, sendo dali transportado num carro da Cruz Vermelha ao hospital de S. José, onde o carro foi novamente pensado, e por se ter verificado que os seus ferimentos na cabeça e na perna esquerda não eram de gravidade, recolheu a casa.

Ontem, por volta das 16 horas, descia a rua Garcia da Faria uma auto-maca da Cruz Vermelha, guiado pelo “chauffeur” Jaime de Araújo, e residente na rua de S. João da Mata, 69, 3.<sup>a</sup>, quando, inesperadamente, sentiu que os travões do carro que conduzia se tinham partido, pelo que o carro caiu num sem governo até ao virar da rua de S. João da Mata, onde foi esbarra

# A BATALHA

Não há o direito de opôr os interesses da Pátria aos interesses da Humanidade.—EMILIO CASTELAR.

NO REGIME CAPITALISTA

## A jornada de seis horas

tem de ser a reivindicação  
do proletariado contra o re-  
voltante egoísmo do crítico  
sistema capitalista

Perante a ruína do capitalismo tem a classe trabalhadora o direito de exigir maior respeito pela vida. O capitalismo pretende fugir da inevitável queda com o sacrifício do proletariado, não importando que sofram mulheres, crianças, velhos, inválidos, ou homens que possuam uma força destrutiva útil ao progresso da humanidade. Não importa ao capitalismo nenhuma outra razão que a do seu egoísmo social de casta.

O desemprego alastrá com terror do imenso número de famílias operárias, cada vez mais próximas de uma catástrofe económica que poderá conseguir-lhes a fome e o luto. O capitalismo busca salvar-se, com mira na sua prosperidade, mas não lhe interessa a solução da crise do trabalho.

O capitalismo procura reorganizar-se sob diferentes fórmulas, como a racionalização, com os grandes acordos industriais, fórmulas que garantam o emprego do menor número de operários, o pagamento do mais baixo salário, o maior número de horas de laboração o mais insignificante empate de capital. Actualmente, o operariado vê aumentar e diminuir o desemprego sem ainda apreender as suas verdadeiras causas, que residem unicamente na moderna organização do capitalismo que, não solvendo a enorme crise económica e financeira dos estados, garante algumas vantagens na permissão do regime.

O desenvolvimento da máquina, a política económica dos governos capitalistas, o progressivo e irresistível desemprego, colocam o operariado na razão de exigir um menor número de horas de trabalho.

Como nos últimos anos do século XIX — então, por oito horas — a luta tem de ser iniciada, não já por egoísmo de classe, mas por dever de humanidade que é a defesa de uma massa que sofre injustamente a incapacidade social do capitalismo.

Na sua nova organização, o capitalismo demora a sua bancarrota; a América Latina, a África e a Ásia são os grandes mercados que garantem ao capitalismo uma larga colocação de produtos industriais; mas a produção excede vertiginosamente as necessidades dos mercados, pois, com o actual sistema, se produz cada vez mais rapidamente.

Sente-se, pois, sentir o melhor o capitalismo a forte conveniência de diminuir a produção. Mas o capitalismo não abdica de nenhum interesse; não reduz, e, às vezes, aumenta o número de horas de trabalho, não baixa o preço dos produtos; apenas se consola em diminuir o número de operários, baixar os salários, andando de conseguir, através da crise, mesquinharia vantagem financeira.

O desemprego alastrá e a crise não se resolva.

Os mercados abarrotam, apresentando este terrível aspecto da incapacidade económica do capitalismo: as grandes massas não podem adquirir em virtude da grande desocupação, e a desocupação aumenta porque os compradores falham.

Uma redução no número de horas de trabalho diminuiria, em consequência, o desemprego, até se atingir novamente o equilíbrio entre a produção e o consumo, de modo que o capitalismo viveria em aparente normalidade e a fome não aterraria multidões.

A reivindicação de seis horas é justa e humana. Com os modernos métodos de industrialismo, o proletariado esgota-se; além disso, o capitalismo monopoliza criminosamente todos os progressos técnicos. O proletariado tem de exigir que em seu benefício revertam também os progressos técnicos, de uma maneira que o esforço que desenvolve no manejo das máquinas não o aniquile.

A luta tem de ser iniciada, tal como se lutou outrora pela reivindicação de 8 horas. Os martires de Chicago constituem um formidável exemplo para as nossas energias. A jornada de seis horas passa a ser uma reivindicação de reconhecimento imediato e por ela tem o proletariado de afirmar a sua vontade.

### Informação do estrangeiro

#### A conferência económica internacional

MOSCOVO, 30—Os soviétes resolveram participar da conferência internacional económica. O chefe da respectiva delegação é o sr. Ossiriški. Parece também assente que a Rússia tomará parte em outono na conferência do desarmamento afirmando-se também que vai nomear um observador permanente junto da S. D. N.—(L.).

PARIS, 30—Chegaram esta manhã a Paris os membros da delegação americana à conferência económica internacional. É presidida pelo sr. Henry Robinson.—(L.).

#### O filão de tabaco

MELBOURNE, 30—O governo nomeou uma comissão encarregada de fazer estudos sobre a possibilidade da cultura do tabaco num escala que produz o necessário para o consumo do país.—(L.).

#### Um tratado de comércio

GUATEMALA, 30—A assemblea nacional aprovou o tratado de comércio e amizade com a Pérsia, tratado que contém a cláusula de nação mais favorecida.—(L.).

#### Política agrária soviética

MOSCOVO, 30—O governo está elaborando um novo código agrário favorecendo as explorações colectivas.—(L.).

#### Os negócios de preciosidades

LONDRES, 30—Num leilão realizado, em Nova York, as primeiras edições com dedicatórias e manuscritos do conhecido novelista Joseph Conrad produziram a importante soma de 8.000 libras, tendo sido o «Chocce» comprado por 450 libras.—(L.).

## A BRANCA CIDADE DO FUNCHAL

O seu aspecto, as ruas e as casas — Vegetação teimosa — O ruído da cidade e o ruído da floresta. Onde se fala do Progresso e da Natureza — Adivinha-se a alma de Rousseau peregrinando de amor. As mulheres da ilha da Madeira — Evocam-se noites de lua — Camponeses, velhos, beatas e imbecis — A exclamação dum neófita e novo capítulo que se promete

A voz colorista dos embarcações espalhou pelo mundo a beleza da ilha da Madeira; criou-lhe uma fama quase universal, que aquece desejos a quantos a má fortuna — que velho Caronte — não deixou passar ao céu dos muros da sua terra.

E essa fama não engana.

As ruas, calcetadas de seixos redondinhos, polidos como ovos pelo bater do mar nortenho, passa uma população característica, esparsa e rara: vendedores de bordões e postais estendendo para nós o tabuleiro sugestivo; camponeses de blusa branca e saia azul olhando as lojas com apetite; homens de pé descalço e ágil, chapéu de palha desabado, arremangados de braço e perna; um velhote de cós de cão a rumiar filosofias, batendo na calçada a bengalhina de cana; ociosos elegantes (alguns de cara imbecil e colarinhas à mamã) atirando olhares superiores ao forasteiro; cidadãos pacatos e vulgares mascando o seu cigarro; alguma velha beatã de chapéu de viseiros e capinido secular levando nos dedos o rosário ao deprendor; e, destacando-se de tudo em seus trajes de viagem, olhando as coisas de relance com esse ar superficial que marca as gentes que apenas espreitam e seguem adiante, circulam dezenas de forasteiros, das mais variadas nacionalidades, e as tripulações escancradas dos barcos de guerra surtos no porto.

De minuto a minuto, temos de nos recolher a um portal para que passem os tradicionais carros de bois sem rodas, quase sempre conduzindo pipas, arrastando-se como padiolas na calçada escorregadia das ruas estreitas.

A tinta preta dos letreiros comerciais (quase todos em inglês) sobreira da cal branca das fachadas. A portas das lojas amontoam-se os mostruários onde em nenhum faltam as mobilias de verga que, com os vinhos, internacionalizaram a terra. Todavia esta exposição não corresponde a um movimento digno de nota: as lojas estão quasi vazias, de prateleiras arrumadas, como salas de visitas.

Nesta sessão, organizada por uma comissão expressamente constituída, para esse fim, pelo sr. Armando de Lucena, laureado pintor que honra a arte portuguesa, e pelo sr. Rodrigo de Lemos, destacaram-se brilhantemente alguns temperamentos artísticos, que muito concorreram para embelezar o acto, como, por exemplo, Mile, Alzira de Figueiredo, que cantou com muito sentimento, Miles, Maria Manuela Corte Real e Ferreira de Macedo, que dedilharam ao piano, com muita arte, os quatro trechos musicais do programa.

A sessão abriu, na 1.ª parte, com uma palestra do sr. Rodrigo Lemos, e, na 2.ª,

cada da agulha; mas vêm os enormes paquetes, rolam na cidade ranchos de forasteiros, e as mulheiras da Madeira não se mostraram... nem pedras que falem do passado angustioso, nem estatutas que gritem o clamor de almas errantes, nem túmulos cobertos de ervas que façam trovejar na memória fantasmas idos, nem ruínas de castelos ou conventos que bramem contra a dor humana, nem outras coisas que atrofiam o cérebro do homem simples:—ha simplesmente uma casaria branca que desperta o amor do lar; ha pomares floridos e palmeiras altas que incitam à vida; ha uma atmosfera doce que conforta e delicia; ha ondas de mar batendo e um firmamento azul sorrindo; ha alvões de flores, flores desabrochadas e vivas, amarelas, róxas, sanguíneas, multícolores, ofertando aromas e sorrisos ao vento viandante que passa...

Deixemo-la bordar, deixemo-la sonhar... Percorrendo esta cidade encantadora, a primeira impressão que nos fixa é que ela está refugiada em si mesma, indiferente a tudo o que passa.

Desde Tristão Vaz que tem visto os anos decorrerem vagarosamente, entregue à sua própria vida por si trabalhando e progredindo.

Além da passagem das frotas a caminho do novo mundo ou da Índia, não rasparam por cá desses grandes acontecimentos da História. Só a guerra subterrânea de ha pouco veio aqui cuspir alguns torpedos, como o caçador selvagem que atira às bombas.

Não saltam à vista vestígios de vulto militar que demudassem a rota dos povos,

## VIDA SINDICAL

### C. G. T.

Comité Confederal

Nas suas últimas reuniões, foi largamente apreciada a situação dos presos sociais e da organização sindical de várias localidades. Foi resolvido que o Secretariado Nacional de Assistência Jurídica intensificasse os seus trabalhos no que se refere à libertação desses camaradas presos. Em harmonia com essas resoluções, o secretariado respectivo tem feito bastantes demarques, cujos resultados não têm porém sido, como seria para desejar. Quanto à situação da organização sindical, especialmente da que se encontra forçadamente encerrada, tem o Comité trabalhos em transito, alinhados a conseguir a normalização de vida desses sindicatos.

Apreciação também, o Comité Confederal, a aproximação do dia 1.º de Maio, e co-recente com a orientação confederal e com a sua especial situação neste momento, resolviu enviar uma circular a todas as organizações que compõem a C. G. T., informando-as da necessidade de não realizar no corrente ano qualquer manifestação comemorativa do dia 1.º de Maio, e que essa atitude fôsse publicamente verificada como um protesto do proletariado português contra a situação que se atravessa. Essa circular já foi expedida, e o Comité Confederal tem visto, com bastante satisfação, o éxito que essas indicações têm obtido por parte de toda a organização. Igualmente a C. G. T. aproveitará o momento, para tornar públicos os seus pontos de vista referentes ao momento político.

Tem merecido a maior atenção do Comité Confederal a situação financeira da C. G. T. e de todos os seus derivados, para o que diretamente tem instado com todas as Federações, Uniões e Câmaras Sindicais, que regularizem as suas contas com a Adolf Müller ainda recitada um poema da sua autoria, «Eterna Primavera», que muito agradou, e que, especialmente, o seu autor escreveu para esta sessão.

Nesta sessão, organizada por uma comissão expressamente constituída, para esse fim, pelo sr. Armando de Lucena, laureado pintor que honra a arte portuguesa, e pelo sr. Rodrigo de Lemos, destacaram-se brilhantemente alguns temperamentos artísticos, que muito concorreram para embelezar o acto, como, por exemplo, Mile, Alzira de Figueiredo, que cantou com muito sentimento, Miles, Maria Manuela Corte Real e Ferreira de Macedo, que dedilharam ao piano, com muita arte, os quatro trechos musicais do programa.

A sessão abriu, na 1.ª parte, com uma palestra do sr. Rodrigo Lemos, e, na 2.ª,

com uma anedota literária contada pelo mesmo senhor.

Intercalando estes números, os srs. Marques e Castro e Adolf Müller recitaram poesias de Camões, Francisco Júlia da Silva e Raimundo Correia, tendo o sr. Adolf Müller ainda recitado um poema da sua autoria, «Eterna Primavera», que muito agradou, e que, especialmente, o seu autor escreveu para esta sessão.

Nesta sessão, organizada por uma comissão expressamente constituída, para esse fim, pelo sr. Armando de Lucena, laureado pintor que honra a arte portuguesa, e pelo sr. Rodrigo de Lemos, destacaram-se brilhantemente alguns temperamentos artísticos, que muito concorreram para embelezar o acto, como, por exemplo, Mile, Alzira de Figueiredo, que cantou com muito sentimento, Miles, Maria Manuela Corte Real e Ferreira de Macedo, que dedilharam ao piano, com muita arte, os quatro trechos musicais do programa.

A sessão abriu, na 1.ª parte, com uma palestra do sr. Rodrigo Lemos, e, na 2.ª,

com uma anedota literária contada pelo mesmo senhor.

Intercalando estes números, os srs. Marques e Castro e Adolf Müller recitaram poesias de Camões, Francisco Júlia da Silva e Raimundo Correia, tendo o sr. Adolf Müller ainda recitado um poema da sua autoria, «Eterna Primavera», que muito agradou, e que, especialmente, o seu autor escreveu para esta sessão.

Nesta sessão, organizada por uma comissão expressamente constituída, para esse fim, pelo sr. Armando de Lucena, laureado pintor que honra a arte portuguesa, e pelo sr. Rodrigo de Lemos, destacaram-se brilhantemente alguns temperamentos artísticos, que muito concorreram para embelezar o acto, como, por exemplo, Mile, Alzira de Figueiredo, que cantou com muito sentimento, Miles, Maria Manuela Corte Real e Ferreira de Macedo, que dedilharam ao piano, com muita arte, os quatro trechos musicais do programa.

A sessão abriu, na 1.ª parte, com uma palestra do sr. Rodrigo Lemos, e, na 2.ª,

com uma anedota literária contada pelo mesmo senhor.

Intercalando estes números, os srs. Marques e Castro e Adolf Müller recitaram poesias de Camões, Francisco Júlia da Silva e Raimundo Correia, tendo o sr. Adolf Müller ainda recitado um poema da sua autoria, «Eterna Primavera», que muito agradou, e que, especialmente, o seu autor escreveu para esta sessão.

Nesta sessão, organizada por uma comissão expressamente constituída, para esse fim, pelo sr. Armando de Lucena, laureado pintor que honra a arte portuguesa, e pelo sr. Rodrigo de Lemos, destacaram-se brilhantemente alguns temperamentos artísticos, que muito concorreram para embelezar o acto, como, por exemplo, Mile, Alzira de Figueiredo, que cantou com muito sentimento, Miles, Maria Manuela Corte Real e Ferreira de Macedo, que dedilharam ao piano, com muita arte, os quatro trechos musicais do programa.

A sessão abriu, na 1.ª parte, com uma palestra do sr. Rodrigo Lemos, e, na 2.ª,

com uma anedota literária contada pelo mesmo senhor.

Intercalando estes números, os srs. Marques e Castro e Adolf Müller recitaram poesias de Camões, Francisco Júlia da Silva e Raimundo Correia, tendo o sr. Adolf Müller ainda recitado um poema da sua autoria, «Eterna Primavera», que muito agradou, e que, especialmente, o seu autor escreveu para esta sessão.

Nesta sessão, organizada por uma comissão expressamente constituída, para esse fim, pelo sr. Armando de Lucena, laureado pintor que honra a arte portuguesa, e pelo sr. Rodrigo de Lemos, destacaram-se brilhantemente alguns temperamentos artísticos, que muito concorreram para embelezar o acto, como, por exemplo, Mile, Alzira de Figueiredo, que cantou com muito sentimento, Miles, Maria Manuela Corte Real e Ferreira de Macedo, que dedilharam ao piano, com muita arte, os quatro trechos musicais do programa.

A sessão abriu, na 1.ª parte, com uma palestra do sr. Rodrigo Lemos, e, na 2.ª,

com uma anedota literária contada pelo mesmo senhor.

Intercalando estes números, os srs. Marques e Castro e Adolf Müller recitaram poesias de Camões, Francisco Júlia da Silva e Raimundo Correia, tendo o sr. Adolf Müller ainda recitado um poema da sua autoria, «Eterna Primavera», que muito agradou, e que, especialmente, o seu autor escreveu para esta sessão.

Nesta sessão, organizada por uma comissão expressamente constituída, para esse fim, pelo sr. Armando de Lucena, laureado pintor que honra a arte portuguesa, e pelo sr. Rodrigo de Lemos, destacaram-se brilhantemente alguns temperamentos artísticos, que muito concorreram para embelezar o acto, como, por exemplo, Mile, Alzira de Figueiredo, que cantou com muito sentimento, Miles, Maria Manuela Corte Real e Ferreira de Macedo, que dedilharam ao piano, com muita arte, os quatro trechos musicais do programa.

A sessão abriu, na 1.ª parte, com uma palestra do sr. Rodrigo Lemos, e, na 2.ª,

com uma anedota literária contada pelo mesmo senhor.

Intercalando estes números, os srs. Marques e Castro e Adolf Müller recitaram poesias de Camões, Francisco Júlia da Silva e Raimundo Correia, tendo o sr. Adolf Müller ainda recitado um poema da sua autoria, «Eterna Primavera», que muito agradou, e que, especialmente, o seu autor escreveu para esta sessão.

Nesta sessão, organizada por uma comissão expressamente constituída, para esse fim, pelo sr. Armando de Lucena, laureado pintor que honra a arte portuguesa, e pelo sr. Rodrigo de Lemos, destacaram-se brilhantemente alguns temperamentos artísticos, que muito concorreram para embelezar o acto, como, por exemplo, Mile, Alzira de Figueiredo, que cantou com muito sentimento, Miles, Maria Manuela Corte Real e Ferreira de Macedo, que dedilharam ao piano, com muita arte, os quatro trechos musicais do programa.

A sessão abriu, na 1.ª parte, com uma palestra do sr. Rodrigo Lemos, e, na 2.ª,

com uma anedota literária contada pelo mesmo senhor.

Intercalando estes números, os srs. Marques e Castro e Adolf Müller recitaram poesias de Camões, Francisco Júlia da Silva e Raimundo Correia, tendo o sr. Adolf Müller ainda recitado um poema da sua autoria, «Eterna Primavera», que muito agradou, e que, especialmente, o seu autor escreveu